

## LITERATURA SURDA

*Lodenir Becker Karnopp*

### RESUMO

O objetivo do presente artigo é proceder a uma análise dos livros de literatura infantil *Cinderela Surda* e *Rapunzel Surda*, focalizando os sentidos produzidos sobre identidades e diferenças. As análises desses livros pretendem contribuir para a discussão da produção de uma literatura surda, que está vinculada às discussões sobre cultura e identidade. Na investigação desses materiais, os textos e as imagens produzidas evidenciam que os autores buscam o caminho da auto-representação do grupo de surdos, através da luta pelo estabelecimento do que reconhecem como suas identidades e suas diferenças. Tais evidências estão no uso da língua de sinais, em suas formas de narrar as histórias e/ou de adaptar histórias clássicas, tendo como base suas formas de existência, suas formas de ler, traduzir, conceber e julgar os produtos culturais que consomem e que produzem.

### PALAVRAS-CHAVE

Literatura surda; Cultura; Identidade; Língua de sinais.

## DEAF LITERATURE

### ABSTRACT

This article aims to present an analysis of the fairy tales, *Deaf Cinderella* and *Deaf Rapunzel*, focusing on the meanings produced from identities and differences. The analyses of these two books intend to give a contribution to the discussion on the production of deaf literature, which is linked to the discussions on culture and identity. In the investigation of these books, the texts and the images produced show that the authors seek the path to self-representation of the deaf community, through the struggle for the establishment of what they recognize as their identities and differences. Such evidences are in the use of sign language, in their ways of narrating their stories and/or of adapting classic fairy tales, having as a basis their existential ways of being, their ways of reading, translating, conceiving and judging the cultural products which they consume and produce.

### KEY WORDS

Deaf literature; Culture; Identity; Sign language

Nas últimas três décadas, investigações nas áreas da educação e da lingüística têm proporcionado discussões sobre gramática da língua de sinais, sobre cultura e identidade surda (FERREIRA BRITO, 1993; QUADROS, 1997; SOUZA, 1998; SKLIAR, 1998, 1999; KARNOPP, 1999; PERREIRA, 2002; QUADROS e KARNOPP, 2004). Tais discussões tornam fecundas as reflexões e revelam também uma diversidade de concepções sobre surdo, língua de sinais, ensino, cultura e fazer pedagógico. Especificamente no panorama brasileiro, é possível constatar ainda que para muitas pessoas torna-se irrelevante e, para outras, decididamente incômoda, a referência a uma cultura surda. Em menor grau ainda, se discute a existência de uma comunidade de surdos.

Talvez seja fácil definir e localizar, no tempo e no espaço, um grupo de pessoas; mas quando se trata de refletir sobre o fato de que nessa comunidade surgem – ou podem surgir – processos culturais específicos, é comum a rejeição à idéia da “cultura surda”, trazendo como argumento a concepção da cultura universal, a cultura monolítica.

Não me parece possível compreender ou aceitar o conceito de cultura surda senão através de uma leitura multicultural, ou seja, a partir de um olhar de cada cultura em sua própria lógica, em sua própria historicidade, em seus próprios processos e produções.

Nesse contexto, a cultura surda não é uma imagem velada de uma hipotética cultura ouvinte. Não é seu revés. Não é uma cultura patológica. (SKLIAR 1998, p. 28).

Em geral, em um contexto escolar ou clínico onde não se tolera a língua de sinais e/ou a cultura surda há um completo desconhecimento dos processos e dos produtos que determinados grupos de surdos geram em relação ao teatro, ao brinquedo, à poesia visual, à literatura em língua de sinais etc...

A ênfase na dimensão centralizadora de uma cultura universal tem impossibilitado que crianças surdas possam ter uma inserção em processos culturais existentes em comunidades de surdos. Por outro lado, são escassos, nos contextos escolares, materiais que tematizem a diversidade cultural, tendo em vista a possibilidade de leitura de outros textos, de outras imagens e de outras histórias do que significa ser diferente. Enfim, uma abordagem que possibilite outras representações sobre os surdos.

Ao afirmarmos que os surdos brasileiros são membros de uma cultura surda não significa que todas as pessoas surdas no mundo compartilhem a mesma cultura simplesmente porque elas não ouvem. Os surdos brasileiros são membros da cultura surda brasileira da mesma forma que os surdos americanos são membros da cultura surda norte-americana. Esses grupos usam línguas de sinais diferentes, compartilham experiências diferentes e possuem diferentes experiências de vida. No entanto, há alguns valores e experiências que os

surdos, independente do local onde vivem, compartilham, ou seja: “todos são pessoas Surdas vivendo em uma sociedade dominada pelos ouvintes.” (WILCOX e WILCOX, 2005, p. 78).

Não falamos de literatura surda como algo localizado, fechado, demarcado. Falamos no sentido que Heidegger imprimiu aos locais da cultura quando considera que “Uma fronteira não é o ponto onde algo termina, mas, como os gregos reconheceram, a fronteira é o ponto a partir do qual algo começa a se fazer presente” ( BHABHA, 2005, p. 19)

A literatura surda começa a se fazer presente entre nós, se apresentando talvez como um desejo de reconhecimento, em que busca ‘um outro lugar e uma outra coisa’. A literatura do reconhecimento é de importância crucial para as minorias lingüísticas que desejam afirmar suas tradições culturais nativas e recuperar suas histórias reprimidas. Esse fato, entretanto, nos aponta os perigos da fixidez e do fetichismo de identidades no interior da calcificação da cultura surda, no sentido de trazer um romanceio celebratório do passado ou uma homogeneização da história do presente. Não estamos falando de literatura surda no sentido de oposição à ouvinte, mas direcionamos nossa análise à perspectiva apontada por Bhabha (2005) quando afirma “privado e público, passado e presente, o psíquico e o social desenvolvem uma intimidade intersticial. É uma intimidade que questiona as divisões binárias através das quais essas esferas da experiência social são freqüentemente opostas espacialmente” (BHABHA, 2005, p. 35). Ou, ainda, na perspectiva de Bauman (2005, p. 82):

Sim, a “identidade” é uma idéia inescapavelmente ambígua, uma faca de dois gumes. Pode ser um grito de guerra de indivíduos ou das comunidades que desejam ser por estes imaginadas. Num momento o gume da identidade é utilizado contra as “pressões coletivas” por indivíduos que se ressentem da conformidade e se apegam a suas próprias crenças (...) e seus próprios modos de vida (que “o grupo” condenaria como exemplos de “desvios” ou de “estupidez”, mas, em todo caso de anormalidade, necessitando ser curados e punidos). Em outro momento é o grupo que volta o gume contra um grupo maior, acusando-o de querer devorá-lo ou destruí-lo, de ter a intenção viciosa e ignóbil de apagar a diferença de um grupo menor, forçá-lo ou induzi-lo a se render ao seu próprio “ego coletivo”, perder prestígio, dissolver-se... Em ambos os casos, porém, a “identidade” parece um grito de guerra usado numa luta defensiva: um indivíduo contra o ataque de um grupo, um grupo menor e mais fraco (e por isso ameaçado) contra uma totalidade maior e dotada de mais recursos (e por isso ameaçadora).

Ocorre, contudo, que a faca da identidade também é brandida pelo outro – maior e mais forte. Esse lado deseja que não se dê importância às diferenças, que a presença delas seja aceita como inevitável e permanente, embora insista que elas não são suficientemente importantes para impedir a fidelidade a uma totalidade mais ampla que está pronta a abraçar e abrigar todas essas diferenças e todos os seus portadores.

Assim, a literatura surda tem apontado o hibridismo cultural. Peter Burke (2003, p. 53) cita Edward Said e considera que hoje, o termo “hibridismo” aparece com freqüência em

estudos pós-coloniais. Neste sentido, “todas as culturas estão envolvidas entre si” e “nenhuma delas é única e pura, todas são híbridas, heterogêneas”. É nessa perspectiva que tratamos a literatura surda.

Um outro ponto que gostaríamos de destacar é que consideramos oportuna a realização de estudos que problematizem, nos textos literários, os discursos que apresentam a surdez como deficiência, como falta, como patologia. Entendemos que esses discursos produzem e reproduzem representações que interferem diretamente nas práticas educacionais e sociais. “Nenhuma linguagem é neutra, nenhuma linguagem “brota da natureza”... Ela é marcada pelas contingências pragmáticas, pelas práticas dos sujeitos que a criam e recriam continuamente” (SILVEIRA 2002, p. 20).

A ênfase na análise dos discursos, utilizada na presente análise de textos de literatura infantil sobre surdos, está vinculada a uma dimensão produtiva dos discursos, alinhada a uma abordagem que inspirou os Estudos Culturais e os estudos pós-estruturalistas – a chamada “virada lingüística”, cuja ênfase é o papel central conferido à linguagem nos fenômenos sociais. A linguagem passou a ser considerada como constituidora da realidade e não como um simples reflexo, sendo que uma das funções da análise do discurso, na vertente da análise crítica de inspiração foucaultiana, passou a ser a análise da forma de regular socialmente a produção discursiva em nossa sociedade (LUKE, 2000; FAIRCLOUGH 2001; GILL 2002 etc...).

Diferentes artefatos culturais são produzidos no sentido de dar sustentação a determinados discursos sobre os surdos. Entre eles, destacamos a literatura infantil que está presente em diferentes contextos sociais, sendo a escola um espaço privilegiado da leitura desses materiais. Nos últimos anos, essa literatura tem sido foco de pesquisas na área da educação justamente por sua inserção e disseminação nas escolas, entre professores e alunos, tanto como material de instrução como de lazer.

Além disso, são praticamente inexistentes textos de literatura infantil que tematizem a questão da língua de sinais e da cultura surda. Quais são os livros que apresentam as narrativas que circulam entre os surdos? Quais histórias são contadas e recontadas em línguas de sinais na comunidade surda? Que representações dos surdos e da surdez estão presentes nessas narrativas?

O objetivo do presente texto é proceder a uma análise dos discursos sobre os surdos e a surdez presentes nos textos e imagens da literatura infantil, focalizando os sentidos produzidos sobre identidades e diferenças. Além dessa investigação, pretende-se registrar a

experiência de produzir histórias em língua de sinais, através da publicação em versão bilíngüe (língua de sinais brasileira e língua portuguesa) desse material, com o objetivo de discutir também as temáticas recorrentes, a representação de surdos e da surdez que surgem nas histórias investigadas.

As análises dos livros de literatura infantil, bem como o registro das histórias sinalizadas, pretendem contribuir para a discussão sobre a produção da literatura surda, que está vinculada à discussão sobre cultura e identidade.

Pesquisas que objetivam registrar, escrever, filmar e divulgar a produção literária de surdos encontram, em geral, os seguintes dilemas: as dificuldades da tradução ou talvez o desconhecimento da língua de sinais e das situações cotidianas dos narradores, do significado de suas lutas, de sua língua, dos costumes, da experiência visual e das situações bilíngües. É possível, no entanto, encontrar formas de escrever e apresentar as histórias que traduzam a modalidade visual que os surdos utilizam para narrar suas histórias de vida, piadas, mitos, lendas..., sem perder o movimento que as mãos produzem, as expressões corporais e faciais que vão construindo e desvendando o enredo, as personagens, o cenário. Para isso, acreditamos que é necessário produzir material bilíngüe (língua de sinais e língua portuguesa), coletar histórias contadas por surdos e garantir a participação de surdos e intérpretes no processo de tradução de histórias sinalizadas. Interessa-nos, portanto, na análise de materiais que estamos produzindo e analisando, fazer um registro do mundo surdo – de suas diferenças lingüísticas e culturais – e trazer à tona o cotidiano, as lutas, e as reivindicações lingüísticas, sociais e educacionais dessa comunidade.

Cabe considerar que inúmeras histórias são contadas em línguas de sinais pelos surdos, mas que não são registradas em livros para a divulgação e leitura das mesmas em escolas de surdos e na comunidade em geral. Nesse sentido, utilizamos a expressão “literatura surda” para histórias que têm a língua de sinais, a questão da identidade e da cultura surda presentes na narrativa. Literatura surda é a produção de textos literários em sinais, que entende a surdez como presença de algo e não como falta, possibilitando outras representações de surdos, considerando-os como um grupo lingüístico e cultural diferente.

A LIBRAS é uma língua visual-gestual e recentemente seus usuários têm utilizado a escrita em seu cotidiano. *Sign Writing* é a forma de registro das línguas de sinais e raras são as obras literárias produzidas através dessa escrita. No entanto, na LIBRAS, encontramos uma vasta e diversificada história de literatura popular, presentes em associações de surdos, em escolas, em pontos de encontro da comunidade surda. Grande parte dessa literatura tem

sido registrada em fitas de vídeo na LIBRAS ou, então, traduzida para a língua portuguesa. As narrativas, os poemas, as piadas e os mitos que são produzidos servem como evidências da identidade e da cultura surda. Wilcox e Wilcox (2005, p. 101) afirmam: “A comunidade surda é bilíngüe. Há muitos trabalhos em inglês de poetas Surdos, escritores de peças, romancistas e ensaístas que os estudantes de segunda língua podem ler com o intuito de se familiarizarem com a cultura e a experiência Surda.”

De todo modo, além do *Sign Writing*, a escrita da língua portuguesa hoje faz parte do mundo surdo, indispensável aos surdos brasileiros para a defesa dos seus interesses e cidadania. Há quem pense que a escrita pode contribuir para a destruição da riqueza em sinais; mas a escrita, por si só, não é necessariamente um fator contrário. Pode-se pensar na escrita como a busca por tradução das raízes culturais, associada a outras formas de arte, como teatro e vídeo.

Além da escrita, outras formas de documentação, como filmagens são fundamentais para o registro de formas lingüísticas que vão se perdendo ou se transformando. Para uma comunidade de surdos manter o leque de possibilidades artísticas e expressões da língua de sinais, os registros visuais são indispensáveis na criação de bibliotecas visuais e podem contribuir para uma escrita posterior, com traduções apropriadas.

## **O SURDO NOS TEXTOS LITERÁRIOS**

É fato que, em geral, os livros de literatura infantil têm diferenças entre si, segundo a criatividade dos compiladores, sua compreensão do grupo estudado, dos costumes, da língua. É raro, por inúmeros motivos, que as obras registrem e resgatem o cotidiano de pessoas surdas. Silveira (2000), ao concentrar sua análise na produção de livros de literatura infantil que tematizam a surdez, verificou que os autores retratam o surdo como ‘deficiente auditivo’, perfeitamente integrado à comunidade ouvinte, sendo usuário de uma língua oral. No texto “Contando histórias sobre surdo(as) e surdez”, a autora<sup>1</sup> analisa sete livros destinados às crianças em que essa temática se faz presente e conclui que a visão dos surdos e da surdez em tais obras se compõe a partir da representação ‘medicalizada’, vista como deficiência, mas

---

<sup>1</sup> Os livros analisados por Silveira (2000) foram: “Audição” (SUHR & GORDON, 1998); “Os cinco sentidos” (BOSMANS, 1997); “A gente e as outras gentes” (LIMA, 1995); “Nem sempre posso ouvir vocês” (ZELONKY, 1988); “A letreria do dr. Alfa Beto” (CARR, 1988); “Dor de dente real” (TRABBOLD, 1993); “O livro das palavras” (AZEVEDO, 1993).

supostamente ‘compensável’ pelo uso do aparelho auditivo e pela leitura labial, conjugando-se tais aspectos a uma visão compensatória da deficiência.

Não se pode deixar de registrar, entretanto, que todos os livros analisados foram escritos por ouvintes, que narram a surdez a partir de seus filtros sociais, de suas experiências de certa forma alheias ao cerne da vivência culturalmente imersa na surdez. (SILVEIRA 2000, p. 202)

Alguns materiais têm surgido recentemente, aproximando a tradição em sinais com as formas escritas. Um exemplo disso é o livro de literatura infantil “Tibi e Joca – uma história de dois mundos” (BISOL 2001), que narra a história de um menino surdo em uma família com pais ouvintes que começam a usar a língua de sinais. O texto explora o visual (o desenho) e, além da história registrada na língua portuguesa, há um boneco-tradutor que sinaliza a palavra-chave que vai dando seqüencialidade à história. Outros exemplos são os livros “Cinderela Surda” (HESSEL; ROSA; KARNOPP 2003), “Rapunzel Surda” (SILVEIRA; ROSA; KARNOPP 2003), “Adão e Eva” (ROSA; KARNOPP 2005) e “Patinho Surdo” (ROSA; KARNOPP 2005) que registram histórias dos clássicos da literatura, a partir de uma cultura visual, em que ocorre uma aproximação com as histórias de vida e as identidades surdas. Concentraremos nossa análise, neste texto, nos livros “Cinderela Surda” e “Rapunzel Surda”.

Traduzir as histórias que são contadas em língua de sinais na comunidade de surdos foi o objetivo inicial dos autores dos livros de “Cinderela Surda” e “Rapunzel Surda”. Para isso, foram filmadas algumas histórias contadas em língua de sinais, durante a programação da comunidade surda na Feira do Livro de Porto Alegre. As histórias narradas por surdos foram traduzidas para a Língua Portuguesa com a participação constante de dois surdos e uma intérprete.

### **CINDERELA SURDA E RAPUNZEL SURDA**

Cinderela Surda e Rapunzel Surda são duas histórias que fazem uma releitura dos clássicos da literatura e apresentam aspectos da língua, cultura e identidade. A apresentação dos textos está numa versão bilíngüe, ou seja, as histórias estão escritas em português e também na escrita da língua de sinais (*Sign Writing*). As ilustrações acentuam as expressões faciais e os sinais; elementos que traduzem aspectos da experiência visual.

Sobre os livros de literatura surda, no Brasil, Lebedeff (2005, p. 179) afirma:

As propostas anteriormente descritas foram extremamente válidas, pois eram os primeiros passos de uma tentativa brasileira de aproximação da literatura com a cultura surda. Entretanto, foi apenas em 2003 que apareceram no mercado editorial os primeiros textos impressos escritos por surdos e para surdos que refletem aspectos interessantíssimos da cultura surda, através de uma intertextualidade intencional.

A análise feita por Lebedeff (2005, p. 179) inclui o texto e as imagens das duas histórias infantis. Diz a autora:

Os textos, que são duas histórias infantis – *Cinderela Surda* (...) e *Rapunzel Surda* (...) – foram escritos por dois estudantes universitários surdos e por uma Doutora em lingüística que apresentam no texto inserções que vão desde dados da história dos surdos como adaptações das histórias à cultura surda. Por exemplo, no texto da “Cinderela surda” o príncipe estuda no Instituto de Educação de Surdos de Paris, com o Abade de L’ Epée (...) que foi a primeira instituição escolar para surdos, bem como um defensor do ensino através da língua de sinais, inaugurando um método denominado “gestualismo” ou “método francês” (Sánchez, 1990). Outra adaptação bem interessante realizada na *Cinderela Surda* é o fato de que a protagonista deixa cair sua luva no baile, não o sapato (Fig. 2). Com certeza, as mãos são muito mais importantes e o cair da luva emprega muito mais dramaticidade para os surdos do que perder um sapato.

Sobre *Cinderela Surda*, além dos itens analisados por Lebedeff, é importante mencionar o fato de que foi proposital a referência à infância da menina Cinderela e do príncipe. O texto assim inicia: “Cinderela e o príncipe eram surdos e aprenderam a Língua de Sinais Francesa quando eram pequenos” (HESSEL; ROSA; KARNOPP, 2003, p. 6). A necessidade de explicar que Cinderela aprendeu a Língua de Sinais com a comunidade de surdos, nas ruas de Paris, evidencia a forma como a maioria dos surdos adquire e desenvolve sua língua, ou seja, uns com os outros, em lugares informais, com outros usuários dessa língua. Outro fato recorrente na comunidade surda é o de compartilhar as histórias de vida, ou seja, se nasceu surdo, quando entrou em contato com outros surdos, quando começou a usar a língua de sinais etc...

Na história de *Cinderela Surda*, os personagens heróis – Cinderela, o príncipe e a fada – são surdos. A criação desses personagens aponta ao leitor a necessidade de se pensar a possibilidade de se utilizar uma outra língua na sociedade. Uma língua que não permaneça nos porões, mas que esteja em evidência, para ser vista, para ser utilizada, para ter prestígio.

Na história há ainda o registro da atenção visual dos personagens surdos ao ambiente, por exemplo, quando o relógio marcasse meia-noite, Cinderela deveria voltar para casa. A moça ficou atenta ao relógio da parede. Diz o texto:

De repente, Cinderela olhou para o relógio da parede e viu que já era quase meia noite. Com medo ela fez o sinal de TCHAU e saiu correndo. O príncipe segurou

sua mão e ficou com uma luva, enquanto ela tentava sair correndo. (HESSEL; ROSA; KARNOPP, 2003, p. 24)

A inserção da luva, em substituição ao tradicional sapatinho de cristal, está associada ao símbolo por excelência da comunidade surda. A utilização de luvas brancas em manifestações políticas e sociais é bastante freqüente. Luvas remetem às mãos, que apontam os sinais e a língua dos surdos.

“Rapunzel Surda” tematiza a aquisição da linguagem e a variação lingüística nas línguas de sinais. Quando nasceu, a menina foi raptada pela bruxa e viveu muitos anos isolada em uma torre. Diz o texto:

Passaram-se os anos, Rapunzel cresceu e a bruxa percebeu que a menina não falava, mas tinha uma grande atenção visual. Rapunzel começou a apontar para o que queria e a fazer gestos para muitas coisas. A bruxa então descobriu que a menina era surda e começou a usar alguns gestos com ela. (SILVEIRA; ROSA; KARNOPP, 2003, p. 12)

Isolada em uma torre, Rapunzel tinha contato somente com a bruxa. Essa história faz referência aos estudos de aquisição de linguagem que salientam que crianças surdas, expostas à língua de sinais, adquirem de forma espontânea tal língua. Nessas situações, crianças surdas adquirem a língua de sinais que está à sua volta sem nenhuma instrução especial, pois estão em ambiente lingüístico adequado. Elas começam a produzir sinais, mais ou menos na mesma idade em que as crianças ouvintes começam a falar, e apresentam um desenvolvimento lingüístico adequado, ou seja, crianças surdas produzem balbúcio manual, enunciados com um único sinal, enunciados com dois sinais e, a partir da combinação de sinais, começam a formar sentenças simples. No entanto, na história de Rapunzel, não há um ambiente lingüístico para a aquisição e o desenvolvimento da língua de sinais, não há usuários da língua até que ela encontre o príncipe e tenha assim contato com a língua visual-gestual. Naquele ambiente, ela utilizava alguns gestos ou apontava para o que queria.

Dois histórias que tematizam a importância da língua, cultura e identidade surda. Remetem-nos também, essas histórias, ao fato de os surdos pertencerem a uma comunidade que, em situação de fronteira, acarreta.

Estar total ou parcialmente ‘deslocado’ em toda parte, não estar totalmente em lugar algum (ou seja, sem restrições e embargos, sem que alguns aspectos da pessoa ‘se sobressaiam’ e sejam vistos por outras como estranhos), pode ser uma experiência desconfortável, por vezes perturbadora. Sempre haverá alguma coisa a explicar, desculpar, esconder ou, pelo contrário, corajosamente ostentar, negociar, oferecer e barganhar. Há diferenças a serem atenuadas ou desculpadas ou, pelo contrário, ressaltadas e tornadas mais claras. As “identidades” flutuam no ar, algumas de nossa própria escolha, mas outras infladas e lançadas pelas pessoas em nossa volta, e é

preciso estar em alerta constante para defender as primeiras em relação às últimas. Há uma ampla probabilidade de desentendimento, e o resultado da negociação permanece eternamente pendente. Quanto mais praticamos e dominamos as difíceis habilidades necessárias para enfrentar essa condição reconhecidamente ambivalente, menos agudas e dolorosas as arestas ásperas parecem, menos grandiosos os desafios e menos irritantes os efeitos. Pode-se até começar a sentir-se cheiz soi, “em casa”, em qualquer lugar – mas o preço a ser pago é a aceitação de que em lugar algum se vai estar total e plenamente em casa. (BAUMAN, 2005, p. 19-20)

A experiência de viver em contato com duas ou mais línguas pode possibilitar o movimento das pessoas em universos lingüísticos diferentes. Além disso, essa constante transgressão de fronteiras pode lhes permitir

[..]espíar a inventividade e a engenhosidade humanas por trás das sólidas e solenes fachadas e credos aparentemente atemporais e intransponíveis, dando-lhes assim a coragem necessária para se incorporar intencionalmente à criação cultural, conscientes dos riscos e armadilhas que sabidamente cercam todas as expansões ilimitadas. (BAUMAN 2005, p. 20)

## CONCLUSÃO

A literatura surda está presente na comunidade surda e é socialmente relevante o registro dessas histórias, pois pode proporcionar, principalmente às escolas, um material baseado na cultura das pessoas surdas. O trabalho de registro de histórias contadas por surdos, apresenta toda a complexidade exposta anteriormente. É primeiro passo, porém, registrar a ficção e o imaginário dessa comunidade, envolvendo surdos e tradutores, no registro das histórias em sinais.

Nas histórias analisadas, os autores buscam, enfim, o caminho da auto-representação do grupo de surdos na luta pelo estabelecimento do que reconhecem como suas identidades, através da legitimidade de sua língua, de suas formas de narrar as histórias, de suas formas de existência, de suas formas de ler, traduzir, conceber e julgar os produtos culturais que consomem e que produzem.

## REFERÊNCIAS

AZEVEDO, R. **O livro das palavras**. Belo Horizonte: Formato Editorial, 1993.

BAUMAN, Z. **Identidade**. Trad.: Carlos Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BHABHA, H.. **O local da cultura**. Trad. Myriam Ávila; Eliana L. Reis; Gláucia Gonçalves. 3. ed. Belo Horizonte: UFMG, 2005. (Humanitas)

- BISOL, C. **Tibi e Joca** – uma história de dois mundos. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2001.
- BOSMANS, P. **Os cinco sentidos**: os sentidos explicados para crianças de 5 a 9 anos. Blumenau: EKO, 1997.
- BURKE, P. **Hibridismo Cultural**. Trad. Leila Mendes. São Leopoldo: UNISINOS, 2003.
- CARR, S. **A letreria do Dr Alfa Beto**. São Paulo: Ed. do Brasil, 1988
- FAIRCLOUGH, N. **Discurso e mudança social**. Brasília: UNB, 2001.
- FERREIRA BRITO, L. **Integração social & educação de surdos**. Rio de Janeiro: Babel, 1993.
- GILL, R. Análise de discurso. In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. (Orgs.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som** – um manual prático. Petrópolis: Vozes, 2002.
- HESSEL, C., ROSA, F., KARNOPP, L. B. **Cinderela Surda**. Canoas: ULBRA, 2003.
- KARNOPP, L. B. **Aquisição Fonológica na Língua Brasileira de Sinais**: estudo longitudinal de uma criança surda. 1999. Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1999.
- LEBEDEFF, T. . Reflexões sobre adaptações culturais em histórias infantis produzidas para a comunidade surda. In: ORMEZZANO, G.; BARBOSA, M. (Org.). **Questões de Intertextualidade**. Passo Fundo: UPF, 2005, p. 179-188.
- LIMA, E. **A gente e as outras gentes**. São Paulo: Scipione, 1995.
- LUKE, A. . Análise do discurso numa perspectiva crítica. In: HYPOLITO, Á. M.; GANDIN, L. A. (Orgs.). **Educação em tempos de incertezas**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- PEREIRA, M. C. Papel da língua de sinais na aquisição da escrita por estudantes surdos. In: LODI et al. **Letramento e Minorias**. Porto Alegre: Mediação: 2002, p. 47-55.
- QUADROS, R. M de. **Educação de Surdos**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
- QUADROS, R. e KARNOPP, L. **Língua de Sinais Brasileira** – estudos lingüísticos. Porto Alegre: ArtMed, 2004.
- ROSA, F.; KARNOPP, L. **Adão e Eva**. Ilustrações de Maristela Alano. Canoas: ULBRA, 2005.
- ROSA, F.; KARNOPP, L.. **Patinho Surdo**. Ilustrações de Maristela Alano. Canoas: ULBRA, 2005.
- SILVEIRA, C. H., ROSA, F., KARNOPP, L. B. **Rapunzel Surda**. Canoas: ULBRA, 2003 p.36.

SILVEIRA, R. H. Contando histórias sobre surdos(as) e surdez. In: COSTA, M. (Org.). **Estudos Culturais em Educação**. Porto Alegre: Ed. Universidade/ UFRGS, 2000.

SILVEIRA, R. M. H. Texto e diferenças. In: **Leitura em revista 03**. Ano 02, p. 19-22. Janeiro-Junho, 2002.

SKLIAR, C. (Org.). **A Surdez: um olhar sobre as diferenças**. Porto Alegre: Mediação, 1998.

SKLIAR, C.(Org.). **Atualidade da Educação Bilíngüe para Surdos**. Porto Alegre: Mediação, 1999. (vol. 1 e 2)

SOUZA, R. M. de. **Que palavra que te falta?** São Paulo: Martins Fontes, 1998.

SUHR, M; GORDON, M. **Audição**. São Paulo: Scipione, 1998.

TRABBOLD, P. **Dor de dente real**. São Paulo: Loyola, 1993.

WILCOX, S.; WILCOX, P. **Aprender a ver**. Tradução por Tarcísio Leite. Rio de Janeiro: Arara Azul, 2005.

ZELONKY, J. **Nem sempre posso ouvir vocês**. São Paulo: Ática, 1988.

---

**LODENIR BECKER KARNOPP**

Doutora em Linguística e professora adjunta do Curso de Letras e do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Luterana do Brasil (ULBRA, Canoas, RS). Intérprete da Língua de Sinais Brasileira.  
E-mail: [karnopp@cpovo.net](mailto:karnopp@cpovo.net)

---